

humanitas

Vol. III

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLUME III



COIMBRA

MCML - MCMLI

6. Vestuário; adereço pessoal (56).
- 7- Habitação; casa; móveis (24).
8. Agricultura; vegetação (45).
9. Actividades várias e terminologia técnica (86).
10. Movimento; locomoção, transportes e navegação (62).
11. Posse, propriedade, comércio (62).
12. Relações espaciais (68).
13. Quantidade e número (31).
14. Tempo (52).
15. Percepções sensoriais (54).
16. Emoção; noções sobre temperamento, moral e estética (62).
17. Espírito; pensamento (30).
18. Elocução; ler e escrever (42).
19. Divisões territoriais, sociais e políticas; relações sociais (42).
20. Guerra (36).
21. Lei (30).
22. Religião e superstição (32).

A. PINTO DE CARVALHO.

J. B. HOFMANN — *Etymologisches Wörterbuch des Griechischen*.
München, Verlag von R. Oldenburg, 1950.

Podem acaso surpreender as reduzidas proporções deste novo dicionário etimológico grego, principalmente se o compararmos com o conhecido livro similar de Boisacq e com as vastas proporções que o Autor deu à última edição, ainda em curso, do *Dicionário Etimológico Latino* de Walde. Justifica-se o Autor, em curto prefácio, da carência quase completa de aparato científico e da bibliografia, esta reduzida a um mínimo de seis obras fundamentais, pela necessidade de poupar espaço ou, o que vem dar no mesmo, pela necessidade de poupar papel. Não duvido do peso deste argumento, numa época dificultosa como a nossa. Contudo, lastimamos que não tenha sido possível ao Autor enriquecer a sua presente obra com os requintes de erudição e ciência que caracterizam a última edição do dicionário de Walde e que fazem desta obra, não apenas uma reedição, mas uma total remodelação das edições precedentes. Estranhamos, mesmo assim, que não tenha incluído na bibliografia o *Dicionário Etimológico da Língua Latina* de Ernout-Meillet

e o *Dicionário Etimológico Indo-europeu* de Pokorny, em curso de publicação.

Nem a circunstância de o livro se destinar aos estudiosos em geral, e não precisamente aos especialistas, justifica, no meu entender, a carência de aparato científico. Todavia, não se lembre alguém de acusar o Autor de falar *ex cathedra*, em tom demasiado dogmático, acrescentarei que de sobejo é conhecida a competência de Hofmann como linguista e como lexicógrafo, nos domínios das línguas clássicas, para confiadamente podermos acreditar nas afirmações que faz. E a prova da sua honestidade científica encontramos-na nas frequentes dúvidas e pontos de interrogação que se vêem nas páginas deste dicionário. E, sob este ponto de vista, afigura-se-nos ser este dicionário, de reduzidas dimensões, mais cauteloso e, por conseguinte, mais seguro do que o de Boisacq, o que não é para admirar. Hofmann, embora o não diga, sente-se que aproveitou os muitos trabalhos de investigação levados a cabo nos últimos anos: por exemplo, a respeito de ἄρκτος, lat. *ursus*, admite, embora como possível, o significado de «urso» como «destruidor» (de colmeias?), por causa do scr. *rāksas*— «destruição», proposto por Benveniste (BSL, 38, 139^{ss.}). Além disso, em muitos casos pelo menos, é natural que o Autor tenha evitado o repetir aqui a documentação acumulada a propósito de certos vocábulos que têm o seu correspondente latino, e sobre os quais se pronuncia com ampla informação na

3.^a edição do *Dicionário Etimológico Latino* de Walde. É, por exemplo, o caso de γλυκύς, lat. *dulcis*; limita-se aqui a resumir em duas linhas os dois terços de página do *Dicionário Etimológico Latino*, onde, de acordo com Walde-Pokorny e com Pokorny, rejeita a suposta base dissilábica *doleuk* proposta por Boisacq.

Este dicionarista belga afirma ser incerta a etimologia de βαθύς e não relaciona este adjectivo com βησσα, apesar da afinidade de valor semântico dos dois vocábulos; Hofmann deriva-os, ambos, da raiz indo-europeia * *guādh-*, inteiramente em harmonia com o que diz Pokorny (l. E. W., s. u. *guadh-*).

Também para βίξ, dá Boisacq etimologia incerta, ao passo que Hofmann propõe, como possível, a aproximação com o anglo-saxónico *cohhetan* e com o baixo-médio-alemão *cochen*, que pressuporiam uma raiz * *g uāhg-*, que todavia não encontro registada no *Dicionário* de Pokorny, pelo menos nos cinco fascículos publicados até à data.

Hofmann relaciona ἵτυμος com ἐτάζω (εἰτά· ἄλν; 971. ἀγαθά Hes.) e possivelmente, e penso que com razão, com ἔτοιμος <έτοιμος <~τοι-μος <locativo

setoi-, de # *se-*, ao passo que Boisacq dá a forma ζτοψός como posterior a έτοϊν.ος, o que me não parece defensável, e não propõe nenhuma etimologia: *mot obscur*.

Estas ligeiras observações devem bastar para nos persuadirmos da probidade que presidiu à composição do dicionário e do valor da obra, não obstante as suas reduzidas dimensões.

Quanto à exactidão doutrinal no referente às outras línguas indo-europeias, cabe a palavra aos especialistas; mas, neste particular, são tão diminutas as correcções e complementos apresentados por E. Fraenkel na revista *Gnomon*, 22, 1950, pp. 236-239, que em nada infirmam a boa impressão que pessoalmente experimentamos.

A. PINTO DE CARVALHO.

LUÍS DE MATOS — *Les Portugais à l'Université de Paris entre 1500 et 1550*. Coimbra, 1950. xii-f-245 pp.

A insigne mestra D. Carolina Michaelis apontou como defeito nosso «o pouco amor à exactidão, às datas positivas, aos factos descarnados». O Sr. Dr. Luís de Matos não deve, portanto, sentir receio de que alguém considere o seu trabalho apenas um catálogo de nomes, como parece manifestar na nota preliminar do volume. Pelo contrário, é um daqueles estudos de que tanto necessitamos, revelador de amor à exactidão e às datas positivas. Só com contribuições desta índole poderemos escrupulosa e seriamente fundamentar os estudos da nossa história e da nossa literatura. O Sr. Dr. Luís de Matos exactamente nada mais ambiciona do que poder precisar com o seu trabalho um aspecto de Portugal durante a Renascença, a época mais efervescente e atraente da sua história. A Universidade de Coimbra, reconhecendo o mérito da obra, mandou imprimi-la por sua ordem, patrocínio que é o galardão do esforço e da honestidade da investigação.

O estudo compõe-se de três capítulos, de um apêndice, de *addenda e corrigenda*, de uma bibliografia, com 340 obras citadas, e de um índice. O capítulo primeiro relata-nos a importância numérica dos estudantes portugueses na Universidade de Paris, - durante a primeira metade do séc. XVI, a criação de bolsas no séc. XII por D. Sancho I, o movimento de estudantes portugueses em Paris e na província durante os sécs. XII, XIII e XIV, a preferência dada à Itália no séc. XV, a criação de duas bolsas no